

DESTEMIDO

Francisco, um paraibano tangaraense

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Um paraibano admirável. Assim podemos descrever Francisco Alves de Souza, primeiro de uma família de cinco filhos, nasceu em 17 de março de 1949 em Catolé do Rocha, na Paraíba.

Filho de Albino Alves de Souza e Júlia Maria de Souza e desde muito cedo aprendeu com os pais a trabalhar na terra, onde lidava com vários tipos de plantações. Certa feita, chegou à região onde Francisco morava uma nova família, foi quando ele conheceu aos onze anos aquela que viria a ser a mãe de seus filhos. Os tempos foram passando os dois crescendo, até que, certo

dia Francisco se mudou do local com a família, retornando muitos anos depois, acontecendo então, o despertar de sentimentos nos dois jovens amigos. Conforme narrativas da esposa, depois do casamento os recém casados de imediato se mudaram para o Paraná, onde moravam com a família do esposo e onde continuaram a lidar com a terra de onde tiravam o sustento e onde permaneceram por um período em torno de dois anos. Como as coisas por lá não estavam muito boas, o casal resolve então, retornar para a Paraíba, onde ficou por pouquíssimo tempo, retornando novamente para o Paraná. Ao chegarem ao Paraná, os pais de francisco já não estavam mais morando



Ficaram sabendo de Tangará pelo boca boca e resolveram arriscar

no local, pois haviam se mudado para o Mato Grosso, mais especificamente para Tangará

da Serra. O casal ficou por ali mais um tempo, quando resolveu também mudar-se para

Tangará da Serra em busca de uma situação mais confortável para os filhos que agora já

havam chegado, além de alimentarem a vontade de estar ao lado dos pais de Francisco.

INCANSÁVEL

O homem que sonhava com dias melhores

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Durante toda a narrativa, Dona Francisca parece retornar no tempo com as lembranças trazidas a mente e se diverte ao narrar a viagem de vinda para terras desconhecidas, principalmente quando fala da subida da Serra Tapirapuã. “Na estrada ficamos por volta de quatro dias viajando dia e noite para chegar aqui. (...) Subi sim a serra, filha, mas não me pergunte nem de que jeito. Chuva caindo e todo mundo chorando com medo de morrer, tinha gente que botava até coberta na cabeça para não ver a morte. Era muito choro. Ali era muito feio, porque era muita chuva e o ônibus atravessava na estrada. Os homens desciam tudo, só as mulheres ficavam no ônibus e a gente pensava: Nós vamos morrer e os homens vão ficar viúvos pra casar de novo, tremendo de medo de morrer. Sei que foi muito difícil”,



Chico carpinteiro e parte de sua família

comenta sorrindo alegremente. “Meu marido ficou ajudando ele (pai) na roça com café, mas as coisas eram muito difícil, de pobreza mesmo”. Francisca lembra que o marido lidava na terra mas tinha mãos abençoadas para lidar com a madeira, e foi assim que a sorte da família começou a mudar. “Um dia ele foi procurado para fazer um barracão porque era carpinteiro, sendo que a construção era para um supermer-

cado que deu vida para a cidade e também para a família que começou a melhorar de situação”. Após essa construção seu Francisco não ficou mais sem serviço, fazia barracões, curral, casas e tudo que envolvesse construção e especializando-se na área, indo inclusive para o Pará, Juruena e várias outras cidades fazer esse tipo de construção.

Passando a ser chamado então de “Chico carpinteiro”.

CARIDOSO

Um abençoador que não via obstáculos

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Conforme a situação financeira da família foi melhorando Francisco começou ajudar outras famílias com quem convivia, mas nunca se prontificou a ser candidato ou a ocupar qualquer outro cargo. Era muito caridoso, acolhia quem necessitasse, construindo até um barracão onde fazia as festas e ajudava as pessoas, sem nunca pedir nada em troca. Era sistemático e não aceitava nada de errado e deixou esse legado aos filhos. Fazia compras de fardos e distribuía entre

os familiares e os que necessitassem.

Era muito honesto e não gostava de comprar fiado, e as vezes nem cobrava para construir as casas para tirar as pessoas do aluguel. Sempre colocou seu veículo à disposição dos moradores do bairro, para socorrer a qualquer hora, tamanha era sua bondade e despreendimento.

Devido as muitas construções que realizou, Francisco passou por alguns acidentes, pois caiu de locais bastante altos, o que com o passar do tempo chegou a prejudicar sua saúde. Por causa das pancadas na cabeça

que sofria com os tombos desenvolveu a epilepsia. Trabalhou intensamente até os 60 anos, quando começou a apresentar alguns problemas que foram diagnosticados como doença de Chagas, o que nunca foi confirmado. Depois de algum tempo apresentou problemas cardíacos que careceram que ele realizasse uma cirurgia que acabou por ser a causa de sua morte, pois após sua realização teve uma infecção hospitalar que não pôde ser controlada, falecendo no dia 15 de dezembro de 2015 deixando muitas saudades em todos que com ele conviveram.

A homenagem

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Tamanha foi sua dedicação à cidade e aos amigos que aqui cativou, que Francisco teve seu nome eternizado em Tangará da Serra pelos sete filhos Fernando, Fábio, Francisca, Francinete, João Paulo, Marcos, Francismara, e também através do vereador Maurizan, que solicitou que a rua 05 da Vila

Nazaré tivesse seu nome. “Eu e meus irmãos devemos muito ao seu Chico, pois quando minha mãe morreu ele e toda a sua família nos acolheram. A gente ia para a casa deles cedo e lá tinha comida, educação e roupa lavada, e era tratado como da família, sentava na mesa e não em qualquer canto. Ele criava os sete dele e mais seis com nós. Devo muito à eles”, disse o vereador.



PROJETO
MEMÓRIA
COLETÂNEA DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO DIÁRIO DA SERRA SOBRE TOPÔNIMOS TANGARAENSES
REALIZAÇÃO
Diário da Serra
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

APOIO

